

LÍGIA NEGRI

**MEMORIAL DESCRITIVO DA
TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

Curitiba

Dezembro 2019

Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas
Departamento de Literatura e Linguística

**MEMORIAL DESCRITIVO DA
TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

Lígia Negri

Memorial descritivo
apresentado como requisito
parcial para fins de
progressão funcional docente
da classe de Associado IV
para Professor Titular,
conforme a Resol. Nº10/CEPE,
UFPR, 23/07/2014

Curitiba

Dezembro 2019

SUMÁRIO

- Nota Introdutória

0. Os primórdios, ou a razão de ser como é!	05
1. Minha formação acadêmica	08
1.1. Graduação	08
1.2. Mestrado	10
1.3. Doutorado	12
1.4. Pós-doutorado	14
2. Da minha atuação acadêmico-profissional	16
2.1. As Instituições de ensino e as atividades didáticas	16
2.1.1. FIDENE/UNIJUÍ – IJUÍ-RS	16
2.1.2. IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto-SP	18
2.1.3. UFPR – Curitiba-PR	21
2.2. Orientações	25
2.3. Produção Intelectual	27
2.4. Cargos administrativos e de representação	31
2.5. Atuação política	36
3. Outras atividades	39

- Amarrando as pontas

Nota Introdutória

Così è se vi pare!

Pirandello

Faço aqui um preâmbulo para o leitor deste memorial. Este texto, que apresento para progressão ao último degrau da carreira acadêmica, é, de fato, um memorial no sentido daquilo que a memória permite resgatar ou descartar e não um currículo acadêmico-intelectual justificado. Por essa razão, o registro empregado é quase confessional, uma narrativa, é uma rememoração da minha trajetória intelectual e profissional, uma reflexão sobre o percurso traçado e sobre as convicções teórico-epistemológicas, profissionais e sobre as relações pessoais que a profissão de professor nos apresenta. E é essa a razão da escolha da epígrafe, pois *è così che mi è sembrato il mio percorso*.

A banca, e eu a partir dos seus comentários, teremos a oportunidade de traçar outra versão.

O. Os primórdios, ou a razão de ser como é!

Num daqueles livrinhos de registro de nascimento dos bebês, muito comuns à época em que nasci, havia uma seção de prognósticos que dizia: Mamãe acha que vou ser ____ e Papai acha que vou ser _____. Bem, minha mãe escreveu ‘professora’ e meu pai, ‘pianista’. Como veem, cumpri a profecia materna, mas a música sempre me encantou. Sou da última turma que fez o curso Clássico, no ensino médio, no ano seguinte foi implantada a reforma no ensino que introduziu o Colegial, três anos de curso médio único, com grade curricular diversificada. Começo pelo Clássico ¹, cursado no *Colégio Estadual Professor Paula Santos*, em

1 Pode ser que minha escolha pelo Clássico se deva a duas questões – uma prática: eu havia ficado de segunda época em matemática, na 4ª série do ginásio, e fiquei ‘de castigo’ estudando nas férias; e, outra afetiva: minha mãe, como sabem, era italiana e minha tia Rosanna, irmã dela, morava conosco (na verdade, numa casa ao lado, mas passava o dia todo conosco). Assim, elas conversavam em italiano, ou melhor, em vêneto, dado que eram de Verona. De qualquer forma, nós compreendíamos a conversa, no mais das vezes, mas todas as vezes que eu tentava falar algo, elas me corrigiam e diziam: *Non è così che se dice, è così!* E aí vinha a palavra em ‘italiano’. Ou seja, eu produzia enunciados em vêneto, e elas demandavam em italiano. Isso me incomodou por um bom tempo. Talvez tenha sido uma das razões que me levou às questões linguísticas.

Salto-SP, minha cidade natal (como todos sabem!) porque ali tive uma formação memorável, naquele final dos anos 60. Tive um professor de História genial, Sérgio Mori, que nos ensinou as bases econômicas que movem a história; um professor de Filosofia, Atilio Maniero, que nos apresentou leituras de muitas facetas ideológicas e, sob cuja orientação, tive que apresentar um seminário sobre as provas metafísicas da existência de Deus, fazer a leitura de Bertrand Russell e também nos proporcionou um excelente curso de lógica aristotélica, que certamente determinou algumas de minhas escolhas posteriores. No elenco das disciplinas havia ainda: Latim, Francês, Inglês, Sociologia, Elementos de Direito e, claro, Português, além das já mencionadas História e Filosofia. A professora de português que nos acompanhou pelos três anos, na verdade, dois e meio, era Ana Helena Cizotto (hoje A. H. C. Belline), de Campinas (como o professor Mori) e foi responsável pela minha formação literária, dado que depois pouco tive de literatura no currículo, como ficará claro mais adiante. Com ela vimos clássicos da literatura portuguesa e brasileira, e também contemporâneos, mas foi a primeira vez que ouvi falar em Linguística, nos formalistas russos e em Antonio Candido. Finalizei o Clássico em 1970, prestei vestibular e entrei imediatamente em Comunicação, curso do momento, na *Fundação Álvares Penteado-FAAP*, em São Paulo, onde cursei um ano apenas, pois realizei que, de fato, meu interesse era outro; além de querer tentar, é claro, uma vaga em uma universidade pública. A turma de Comunicação era formada pela burguesia paulistana dividida basicamente em

dois grupos: os que eram descendentes de italianos e haviam estudado no Colégio Dante Alighieri, como minha colega de turma Bruna Lombardi e Maria do Carmo Abreu Sodré (filha do ex-governador de São Paulo); ou filhos de abastados sírio-libaneses. Aí aprendi a distinção entre as designações de origem de imigrantes do oriente médio (não de fato, mas de atribuição): os mais ricos se diziam sírio-libaneses, os intermediários eram armênios e os remediados eram ‘turcos’, mas destes não os havia lá.

Prestei então outro vestibular para tentar Linguística na Unicamp. O contratempo foi que as regras do jogo haviam mudado, pois antes os vestibulares eram direcionados para as grandes áreas do conhecimento: CESCEA, para as Humanidades; CESCEM, para a área Bio/Médica e MAPOFEI para as Exatas, em sintonia com os cursos clássico e científico do ensino médio precedente. Contudo, o vestibular de 1971/72 era já um vestibular ‘integrado’ (visando a recepção para a primeira turma da alteração da concepção do ensino médio) e neste havia prova de Matemática. Além desse agravante para alguém formada no Clássico, cada cinco questões erradas anulavam uma certa e não se podia zerar em nenhuma prova. Esse era, certamente, um obstáculo a ser driblado. Fiz um curso intensivo de um mês com uma colega ‘crânio’ em matemática, Elizabete Romão, a única mulher da turma do Científico, minha contemporânea em Salto, no *Paula Santos*, uma escola pública estadual, então, de altíssima qualidade (naqueles anos, alunos das turmas do Científico foram aprovados na FAU, POLI da USP; em medicina na UFRJ; na FGV e na

própria UNICAMP caso da Elizabete; e, do Clássico na UNICAMP e USP). Nosso programa versou fundamentalmente sobre Progressões aritméticas e geométricas, e Funções. Eu precisava saber responder algumas questões com certeza e deixar em branco as duvidosas, para evitar o desconto fatídico no caso de erro. Em tempo, nessa modalidade de certame havia uma alternativa 'não sei'. *Meno male*, porque essa resguardava o desconto. Passei nesse vestibular e entrei em Linguística na UNICAMP (não tenho a menor ideia do meu escore nesse exame).

1. Minha formação acadêmica

1.1. Graduação

O primeiro ano do curso da UNICAMP compunha o ciclo básico dos cursos de graduação ofertados pelo *IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*: Economia, Ciências Sociais e Linguística.

Estamos em 1972 e o básico tem 120 alunos em sala. Esse foi outro momento crucial na minha formação pois tive as disciplinas de Política com Paulo Sérgio Pinheiro, presidente da Comissão da Verdade muitos anos-luz depois, e Roberto Gambini; de História; Sociologia; de Economia com Wilson Cano e Luiz Gonzaga Belluzzo (também muitos anos depois um dos diretores da FACCAMP e presidente do Palmeiras!); de Antropologia com Antonio Augusto Arantes, Peter Fry e Verena Allier. Havia ainda Matemática e, claro, Linguística. O professor de Linguística, nesse primeiro ano do ingresso, foi o saudoso professor Haquira Osakabe, que depois mudou de área, inicialmente para Análise do Discurso, e depois passou a atuar na área de Literatura Portuguesa. O

programa da disciplina inicial fazia um panorama da linguística, principalmente uma abordagem do estruturalismo e questões de semiologia. A formação específica passou a ocorrer, de fato, a partir do segundo ano, quando a grade curricular concentrou-se em disciplinas de linguística. Minha graduação, como se sabe, é Bacharelado em Linguística e eu sou da terceira turma desse curso na UNICAMP, razão pela qual acompanhei muitas das mudanças que aí ocorreram, tenham sido físicas ou estruturais do curso. Em 1974, saímos do ‘barracão’ da Engenharia e mudamos para o prédio que hoje abriga o IFCH e alguns anos depois para as dependências do IEL. Durante minha graduação fui aluna de renomados linguistas: Carlos Franchi, Rodolfo Ilari, Carlos Vogt, Ataliba Teixeira de Castilho, Marco Antônio de Oliveira, Vera Maia, Ester Scarpa, Rosa Attié Figueira, Luiz Carlos Cagliari e Jonas Romualdo (de saudosa memória). O sistema curricular daquele curso previa não só que fizéssemos seis semestres de inglês e quatro de francês, mas também: no segundo ano, *Epistemologia*, com Luiz Orlandi; no terceiro *Matemática para linguistas*, que foi ministrado pela professora Marta Sagastume; e, ainda, três disciplinas fora do elenco da Linguística. As minhas escolhas, como a da maioria das colegas, recaíram sobre duas disciplinas na área de biológicas – *Biofísica do Sistema Nervoso* e *Neurolinguística*, com o professor Armando Freitas da Rocha – e uma terceira, caso em que fui a única da turma a escolher, *MC111 – Computação*, com os professores Tadao²

2 Lamento, mas não consegui recuperar o sobrenome do professor Tadao. IMECC/UNICAMP.

e Fernando Vanini. Essa diversidade compôs a minha formação, que reputo bastante consistente. Fiz, também, algumas disciplinas pedagógicas ³, porque estava em gestação, àquelas alturas, a implantação da licenciatura em Letras, de cuja comissão de estudos fiz parte como representante discente. No último ano da graduação tive ainda as disciplinas de Latim e de Teoria da Literatura. Durante a graduação, fui monitora da professora Vera Maia na disciplina de Linguística Geral, introdutória para os calouros, e bolsista de um projeto de Normatização para designação de termos referentes às IFES, um convênio UNICAMP/MEC/DAU, sob a coordenação do professor Ilari. Sobre essa etapa da minha formação não me deterei aqui, uma vez que a menção a esses professores fala por si e da minha formação pode atestar minha atuação profissional.

1.2. Mestrado

Terminei a graduação em 1975 e prestei a seleção para o mestrado no próprio IEL. Relato aqui uma questão periférica, não por exibicionismo, mas porque revela muito da minha atitude frente aos desafios. A seleção ocorreria em final de janeiro ou início de fevereiro, não me lembro bem. Minhas colegas de graduação também iriam se submeter a essa seleção e sugeriram que estudássemos em janeiro para nos prepararmos para a prova. Eu me recusei, em primeiro

3 Frequentei todas as disciplinas de formação pedagógica, obrigatórias para as licenciaturas naquele momento, exceto a Prática de Ensino, dado que o curso não era uma licenciatura em Língua Portuguesa e, portanto, não havia ainda na UNICAMP essa disciplina correspondente.

lugar porque teria que ficar em Campinas nesse período de férias, e não em Salto com clube, piscina, namorado e amigos; e, em segundo lugar, porque eu acreditava que tínhamos tido uma excelente formação e que se eu não conseguisse passar numa prova sobre esses conteúdos o fracasso não seria só meu, mas do curso que eu havia feito. Por sorte, (e para tranquilidade de todos sob meu julgamento) passei. Minha turma de mestrado era especial, além de algumas colegas da graduação, como a Graziela Lucci de Angelo, tive colegas extremamente brilhantes, os novos recém-chegados: Carlos Alberto Faraco; João Wanderley Geraldi; Adalberto B. de Freitas com os quais passei tardes e tardes lendo Chomsky, Jackendoff, McCawley e fazendo exercícios de lógica para a disciplina de Lógica e Linguagem ministrada pelos professores Rodolfo Ilari, Oswaldo Porchat e Luiz Henrique Lopes dos Santos. O mestrado trouxe outra dimensão à minha formação e novos professores: Bernadete Abaurre, Quentin Pizzini, Brian Head, Frank Brandon, o provocativo e saudoso Marcelo Dascal, além de Carlos Franchi, claro. Fiz a dissertação de mestrado sob a orientação do brilhante professor Carlos Franchi, a quem devo, inclusive a sugestão do tema. Minha ideia girava em torno de questões de sintaxe e de dêixis e o professor Franchi sugeriu que eu verificasse condições de emprego e comportamento do artigo definido em português. A observação me levou a uma série de questionamentos e descobertas a respeito dessa palavra ‘tão simples e diminuta’!.

O período do meu mestrado foi bastante agitado e longo, mas também bastante profícuo: nele tive contato com professores de São Paulo (eu era do *gueto* da UNICAMP e pouco contato tínhamos com as vertentes paulistanas, fossem da USP ou da PUC); também contato com abordagens textuais e pragmáticas a respeito de questões linguísticas, que se revelaram cruciais para a explicação pretendida para uma “*palavra de uma só letra*”, como dizia minha mãe⁴. Minhas sessões de orientação se davam na sala da Direção do IEL, com meu orientador professor Franchi, então diretor, e muitas vezes na ilustre companhia do professor Antonio Candido, o Diretor Associado (menciono isso, porque essa convivência me fascinava). Entre o ingresso e a defesa transcorreram-se dez anos, nos quais cursei as disciplinas; participei de congressos da área; fui recenseadora em 1980; assumi como professora substituta de Inglês na Escola Técnica Estadual “Bento Quirino”, em Campinas-SP; fui professora de Inglês, para crianças no Colégio “Terras de São José”, em Itu-SP; fui contratada como professora na, então, FIDENE-RS, hoje UNIJUI, em Ijuí-RS, onde permaneci até 1985; encerrei um relacionamento afetivo de vários anos; e, prestei dois concursos públicos um, em junho de 1985, na UNESP, em São José do Rio Preto-SP e outro na UFPR, em Curitiba-PR em agosto do mesmo ano. Em setembro de 1985 meu pai faleceu de uma leucemia aguda, aos 66 anos, minha idade

4 Sobre minha dissertação, vale mencionar o comentário da minha mãe. Depois de meses estudando e escrevendo a respeito, ela me pergunta: *Artigo definido em português é aquela palavrinha “o, a”, né?* Aqui lembro que minha mãe era italiana, e ficou achando que talvez, em português, o artigo fosse uma coisa muito diferente, considerando o tempo que levei para me desembaraçar desse assunto.

neste momento. No concurso da UNESP passei em primeiro lugar e no da UFPR, em segundo, sendo que neste a primeira colocada foi a Iara Bemquerer Costa, minha colega e amiga até hoje. Entretanto, me orgulho de ter tirado nota máxima na prova didática com todos os integrantes da banca, exceto com um professor da Educação, que descontou meio ponto por eu não ter entregue o plano de aula impresso (Vejam que isso ficou na minha memória. Não propriamente pela nota em si, nunca fui daquelas alunas que tem que tirar a maior nota, mas pela razão alegada: eu me perguntava quantos professores faziam isso, efetivamente, no dia a dia das salas de aula). Voltemos ao percurso. 1985 foi um ano de eleições municipais e havia a restrição legal de contratação, assim, só fui contratada pela UNESP em fevereiro de 1986, e assinei minha contratação no dia da promulgação do Plano Cruzado. Defendi a dissertação no final desse ano, em 16 de dezembro e fiquei na UNESP até o final de 1987, quando fui chamada pela UFPR. Assumi o novo cargo em 04 de novembro de 1987 e nele permaneço até hoje⁵.

1.3. Doutorado

*F*iz a seleção para o doutorado na UNICAMP em 1991.

Ingressei com um projeto para tratar de predicação locativa com verbos copulativos. Na verdade minha questão envolvia, como sempre, uma inquietação com o tratamento tradicional de questões sintáticas. As gramáticas escolares

5 Sobre os trabalhos do mestrado, doutorado e pós-doutorado, discorrerei na seção relativa às atividades de pesquisa.

apresentavam um tratamento inconsistente, a meu ver, para construções com cópula e locativos. Alguns gramáticos consideravam esses casos como predicados intransitivos, provavelmente movidos pela classificação habitual de considerar advérbios, principalmente, como elementos acessórios, o que os levava a considerar tais casos a partir da função geral do advérbio e não da sua relação efetiva dentro de uma estrutura. Só Rocha Lima apresentava uma explicação mais plausível, que seguia a lógica subjacente da classificação das funções sintáticas dentro da estrutura oracional, a saber, o tipo de conexão semântica que se estabelece entre os termos da oração. Esse gramático considera que em tais casos ocorre uma transitividade de circunstância, uma solução salomônica para conciliar o caráter transitivo da predicação verbal e o tipo de complemento selecionado pelo verbo – um locativo.

Candidatei-me à orientação do professor Ilari que, embora tenha me indicado uma bibliografia fundamental sobre predicação, acabou me apresentando um problema intrigante das línguas naturais, a saber, as expressões de polaridade negativa, num artigo⁶ que considero um marco sobre o comportamento de tais expressões, dado que antecipa tratamentos posteriores que seguem uma vertente explicativa na direção da intuição original e perspicaz desse pesquisador. Eu me deixei fisgar pelo assunto e mudei o projeto, que colocava em xeque alguns fenômenos das línguas naturais e seu enquadramento teórico. Vários

6 ILARI, R. Locuções negativas polares: reflexões sobre um tema de todo mundo. In, *Linguística: Questões e Controvérsias*. Série Estudos 10, pp.83-97. Uberaba, MG.1984

recursos linguísticos, até então considerados pragmáticos, fosse pela sua remissão às circunstâncias de uso, fosse pela dificuldade de sua explicitação clara e formalizável, passavam a receber novo enquadramento como semânticos. O caso mais evidente é o da dêixis, considerada pragmática numa perspectiva como as de Bar-Hillel, Stalnaker e outros teóricos nos anos 1970/1980, que passa a receber uma descrição semântica regular. Minha questão na tese passou a ser então investigar a natureza das expressões de polaridade negativa, seu gatilho deflagrador e seu enquadramento teórico. Durante o período em que estive ligada ao programa de doutorado na Unicamp fiz um período de estudo-sanduíche em Roma, Itália, sob a supervisão do professor Enrico Arcaini, na Terza Università di Roma. Desse período resultou uma publicação sobre questões relativas à tradução⁷, foco das pesquisas do meu supervisor italiano. No retorno do período sanduíche, reassumi minhas atividades didáticas na UFPR e acabei me deixando absorver pelas atividades cotidianas e não concluí o doutorado na UNICAMP.

Ciente de que essa falha prejudicava não somente a mim, mas também a instituição que me abrigava, me candidatei a novo ingresso no programa de doutorado, desta feita na UFPR, em 2001. Uma vez admitida, levei a cabo o projeto iniciado na Unicamp com o professor Ilari, agora sob a orientação do professor José Borges Neto.

Defendi o doutorado em outubro de 2006.

7 NEGRI, L. Marinaio - del navigare in acque linguistiche. *Studi Italiani di Linguistica Teorica e Applicata* – SILTA. Pisa, v. 1, p. 123-132, 1997.

Segui com minhas atividades acadêmicas e ingressei como docente no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR em 2009.

1.4. Pós-doutorado

Em 2013, me candidatei ao pós-doutorado na UNICAMP, sob a supervisão do professor Ataliba Teixeira de Castilho, na área de Semântica Histórica. Realizei o pós-doc de março de 2013 a fevereiro de 2014, numa interlocução constante com os professores Ataliba T. de Castilho e Rodolfo Ilari. Nesse período acompanhei o curso por eles ministrado de Semântica Histórica, onde ministrei seminários e discutíamos a composição de um corpus de semântica histórica para integrar o projeto maior do PHPB – Projeto História do Português Brasileiro. Esse curso me abriu os horizontes de uma nova linha de pesquisa e novos autores, dentre os quais Eve Sweetser que me apresentou, de forma bastante consistente, novas possibilidades de tratamentos para fenômenos linguísticos, relacionando diferentes níveis teóricos: lexical, semântico, cognitivo e pragmático. Essa formação resultou numa publicação posterior com alunos de uma turma na Pós-graduação em Letras-UFPR⁸

⁸ DEOSTI, A. ; DIOGO, J. ; GISSKE, J. ; BEVILAQUA, K. ; BERNSDORF, S. ; NEGRI, L. . Análise do processo de mudança semântica dos advérbios 'literalmente' e 'buchstäblich' a partir do modelo semântico-cognitivo de Sweetser (1990). Signo, v. 42, p. 101-113, 2016.

2. *Da minha atuação acadêmico-profissional*

2.1. *As Instituições de ensino e as atividades didáticas*

2.1.1. *FIDENE/UNIJUI – IJUÍ-RS*

Minha inserção no mundo do trabalho, desenvolvendo atividades profissionais de ensino, já foi mencionada na seção anterior a propósito da minha formação acadêmica, mas esta é a seção, de fato, que concentra as atividades profissionais relevantes de um Memorial Descritivo da Trajetória Acadêmica, que devem justificar, a partir do percurso encetado, a titulação pretendida. Passemos a elas. Minha primeira atuação profissional se deu em 1979, quando, ainda no mestrado, fui convidada pelo meu colega João Wanderley Geraldi a dar aulas no “Curso de férias”, na FIDENE-RS, faculdade na qual era professor, na cidade de Ijuí, noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Os cursos na Fidene eram oferecidos em dois regimes: um regular, durante os meses de março a junho e de agosto a novembro; outro, ‘de férias’, que era oferecido concentradamente no período das férias escolares, a fim de que os professores, já

em exercício, pudessem fazer sua graduação e obter a titulação necessária. Estes ocorriam em dois módulos: em janeiro/fevereiro e julho, para o primeiro semestre; e em julho, novembro/dezembro para o segundo. Essa modalidade previa 8 horas de aula diárias, a fim de cumprir a carga horária das disciplinas. Foi para ministrar uma disciplina de sintaxe para o curso de Letras, nessa modalidade, que fui convidada. Foi um batismo de fogo! Inicialmente, porque preparei intensamente o programa da disciplina e nas primeiras 4 horas apresentei o “programa todo”. Depois da aula, cheguei na casa do Wanderley e da Corinta, onde estava hospedada, e disse: *Acho que já dei o curso inteiro*. O Wanderley me respondeu algo como: Muito bem, agora volta amanhã e começa do começo, devagar e no ritmo dos alunos. E foi o que fiz. Ministrei essas aulas nesse modelo de 1979 a 1982. Em 1983, a Iara Bemquerer Costa, que também havia sido contratada pela FIDENE, afastou-se para fazer o doutorado na UNICAMP e o Departamento de Letras me convidou para suprir essa lacuna. Por razões várias, acabei aceitando o emprego.

A minha atuação profissional no curso de Letras da Fidene/Unijuí⁹ foi um grande aprendizado. Aí ministrei disciplinas de todas as áreas da Linguística que integravam a grade curricular do curso. Vale dizer que o Curso de Letras da Fidene tinha o currículo idealizado, entre outros, pelos professores Sírio Possenti e João Wanderley Geraldi, responsáveis pela área de Linguística e Língua Portuguesa, ambos cursando pós-graduação na Unicamp. Assim, o

9 A Fidene alterou seu estatuto social em 1985, quando passou a se chamar UNIJUI.

elenco das disciplinas contemplava desde concepções estruturalistas até discursivas e textuais. Passei por todas as ementas de Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Pragmática, Análise do Discurso e Linguística Textual, além de orientar dezenas de trabalhos de conclusão de curso. Em Ijuí, tudo era numeroso – a quantidade dos alunos, o excesso de trabalho, a variedade das disciplinas, as múltiplas atividades. Por tudo isso, essa foi outra etapa da minha formação, quando tive que transformar em aulas o que havia aprendido na graduação e submetê-lo ao crivo dos estudantes. Em diferentes momentos, discuti com os meus alunos e colegas sobre o processo de formação para o desempenho profissional e, muitas vezes, especialmente os primeiros afirmam que a graduação não os prepara adequadamente para enfrentar a sala de aula e os segundos sugerem ampliação da grade curricular de modo a complementar a sua área de atuação. A minha experiência tem demonstrado que isso não é factível, para agradar a gregos e troianos. Além disso, um curso de graduação não tem condições de ensinar tudo o que iremos precisar na prática pedagógica, porque esta nos impõe sempre novos desafios a serem solucionados nas situações reais. Minha estada na Fidene demonstrou que uma boa formação de base nos habilita a enfrentar com segurança as questões que se apresentam.

Durante o período que estive em Ijuí, fui ainda chefe do Departamento de Letras, num momento de redefinição do estatuto organizacional da Fidene, que passou a universidade em 1985 e passou a chamar-se UNIJUÍ. Na

condição de chefe do Departamento de Letras estabeleci contato bastante estreito com outros chefes de departamento, especialmente: de Filosofia – José Augusto Costa Avancini; de Biologia – Lúcia Regina Machado da Rocha; e, de Matemática – Francisco Egger Moelwald. Essa aliança foi fundamental para enfrentamentos e estratégias administrativas e de reivindicações trabalhistas. Reitero que minha atuação nessa universidade foi um enorme aprendizado acadêmico e político-institucional. Fiquei na FIDENE/UNIJUÍ de 1983 a janeiro de 1986, quando assumi na UNESP.

2.1.2. BILCE/UNESP – SJRP/SP

Eu voltava para o estado das mangueiras e dos flamboyants, que tanto me encantavam desde a infância. Minha atuação na UNESP de São José do Rio Preto se restringe a dois anos civis, 1986 e 1987, no entanto, apesar do pouco tempo de permanência, aí estabeleci fortes laços de amizade e de cumplicidade acadêmica.

Como já afirmei em passagem anterior, passei em primeiro lugar no concurso da Unesp, mas esse não era o desejo de parte dos integrantes daquele Departamento, que esperavam essa colocação para a candidata que ficou em segundo lugar. Tive até uma proposta, do então chefe de departamento, para inverter a ordem de colocação no concurso, alegando uma possível vantagem para mim, dado que eu estava no Rio Grande do Sul e poderia ser difícil me transferir para São José do Rio Preto naquele momento.

Aventava ainda a possibilidade de uma segunda vaga, quando então eu poderia ser chamada. Declinei da oferta e assumi no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas-IBILCE, em São José do Rio Preto em 28/02 de 1986, data da implantação do Plano Cruzado¹⁰.

Meu colega de gabinete era o professor Roberto Gomes Camacho, que eu conhecia muito superficialmente do período em que ambos fazíamos o mestrado na UNICAMP (ele duas turmas antes da minha, razão do nosso pouco convívio àquela altura), hoje um grande e querido amigo. Ingressei no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do IBILCE, responsável pelas disciplinas nos cursos de Licenciatura em Letras matutino e noturno e Tradução matutino. Fiquei responsável pela disciplina de Linguística I do noturno e no curso de Tradução matutino. No primeiro ano, viajava semanalmente a Campinas onde seguia com a orientação do mestrado às sextas-feiras, que culminou com a defesa em dezembro desse mesmo ano. No segundo ano no IBILCE, fiquei encarregada da elaboração do horário do curso, um quebra-cabeças desafiador, dado que feito à mão, e tendo que contemplar preferências historicamente cristalizadas. Um desafio e um teste de diplomacia. No período em que fiquei na Unesp, os professores do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas discutiam uma reformulação organizacional do Departamento, na qual também me envolvi. A proposta era um desmembramento

10 Aqui cabe uma nota anedótica. Eu saí de Ijuí em fevereiro de 1986, de mudança, e fui de carro para Salto-SP. Fui, então, de fusca para S. J. do Rio Preto para assinar o contrato na Unesp. Depois de tudo sacramentado, assinaturas, exames médicos, etc, fui a um posto de gasolina para encher o tanque para a viagem de volta, e... havia mudança na moeda circulante no país. Foi o frentista que me explicou as novas orientações e me 'ensinou' a preencher o cheque.

do Departamento, uma divisão em dois. Eu, ingenuamente, acreditava que a divisão mais natural seria a de criar os novos departamentos pela afinidade de área, um de Literatura e outro de Linguística. Santa ingenuidade, Batman! As afinidades eram de outra ordem. A divisão separou disciplinas básicas e/ou teóricas de disciplinas aplicadas e/ou específicas. E assim, surgiu o Departamento de Teoria Linguística e Literária. De um lado Teoria Literária, de outro Literatura Brasileira e Portuguesa; de um lado Linguística, de outro Língua Portuguesa, Sintaxe do Português. Enfim, como diria Borges Neto, há muitos critérios para organizar os livros numa estante, e há alguns que simplesmente não se aplicam. Naquele momento, aquela foi a organização possível, segundo critérios que não só se aplicavam às condições vigentes, como eram os que melhor contemplavam os atores envolvidos.

Consultando o site do IBILCE, enquanto redijo este memorial, constatei que a partir do ano 2000 os dois departamentos foram refundidos dando origem ao DELL-Departamento de Estudos Linguísticos e Literários.

Ligada a essa Universidade ministrei, ainda, cursos para professores da rede estadual, em cursos organizados pela CENP. Esse era um projeto da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo de atualização de formação para os professores da rede. Cada uma das três grandes universidades estaduais paulistas tinham seu raio de atuação, a da UNESP de São José do Rio Preto eram as cidades do oeste do estado. Assim, dei curso sobre ensino de Língua Portuguesa em Jales-SP (Jales ou Lages, um trocadilho que

meu irmão costumava fazer) e em Santa Fé do Sul, quase caindo do cotovelo final do mapa do estado de São Paulo.

Em outubro de 1987, fui contatada pela chefia do DLLCV-UFPR, informada de que havia uma vaga no Departamento e eu estava sendo consultada sobre meu interesse em preenchê-la. Eu tinha todo interesse nessa mudança, apesar das relações afetivas e profissionais que havia estabelecido com os colegas da UNESP. Ainda um registro: naquele ano, fui convidada pelos alunos do curso noturno para ser paraninfa da turma, cuja formatura ocorreria em janeiro do ano seguinte. Minha falta de traquejo e sensibilidade me levou a declinar o convite, justificando com minha iminente mudança. Quanta inépcia!

Naquele final de ano me mudei para Curitiba.

2.1.3. UFPR – Curitiba/PR

04 de novembro de 1987, data da minha admissão nesta Universidade, em que me encontro até hoje. São 32 anos de atividade acadêmica, de pesquisa, administrativa e de representação. É praticamente a metade da minha vida. Poderia aqui citar Mário de Andrade

Contei meus anos e descobri que terei
menos tempo para viver daqui
para a frente do que já vivi até agora.
Tenho muito mais passado do que futuro.

Naquele momento talvez não fosse esse o caso. Ingressei no Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, na área de Linguística e Língua Portuguesa, através de concurso para a vaga em Linguística. A chefe do

Departamento, naquele momento, era a professora Marilene Weinhardt, da Literatura Brasileira. Meus colegas de área, então, eram o Carlos Alberto Faraco, o José Borges Neto, o Basílio Agostini, o Padre Afonso Robl, a Cecília Inês Erthal, a Odete Menon (naquele momento afastada para uma função no NAA e em seguida para o doutorado na França), o Antonio José Sandmann, o José Luiz da Veiga Mercer (então diretor do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes), o Geraldo Mattos Gomes dos Santos, a Marinês Guimarães e a Iara Bemquerer Costa. Inicialmente, fui contratada como auxiliar de ensino, 20 h e fiquei hospedada até a mudança de regime, e de salário, na casa da Iara e Rasia.

Nesse início, fiquei encarregada de disciplinas sob o rótulo de Língua Portuguesa, embora a área englobasse Língua Portuguesa e Linguística, no momento em que surgiu uma vaga para a área, havia concursados em ambas as áreas. A decisão centrou-se no fato de que alguém com formação em linguística daria conta de atender as duas áreas, enquanto a formação em língua portuguesa não necessariamente garantia essa dualidade. Sorte minha! Contudo, por essa razão, um dos colegas insistia em que eu ficasse com as disciplinas sob a designação de Língua Portuguesa, para fazer valer aquela escolha, ainda que o conteúdo contemplasse o tratamento linguístico das questões de língua materna.

No início, me foi designada a disciplina de Língua Portuguesa para o curso de Ciências Contábeis, às sextas-

feiras à noite; e, também a disciplina de Língua Portuguesa para o curso de Comunicação Social, às segundas, às 7h30 (como veem o final de semana ficava espremido e impedia viagens mais longas – lembrando que eu era a única da minha família nestas paragens). Atuei nessas disciplinas para outros cursos que não o de Letras e, no de Letras, eu ministrava, mais sistematicamente, a disciplina da Língua Portuguesa IV, cuja ementa era sintaxe do português. Essa disciplina provocava em mim todas as questões que me inquietavam com relação ao tratamento gramatical tradicional desde que me lembro na escola, além de revelar a fragilidade de domínio epilinguístico dos ingressantes no curso de Letras. Eu me surpreendia, seguidamente, com a falta de percepção dos estudantes em relação não só à terminologia gramatical, mas principalmente em relação à sua significação, à sua função num sistema descritivo e classificatório, e ao seu papel no modelo teórico em questão. A abordagem que fazíamos aí (eu, quando me cabia a disciplina, e os demais colegas que a ministravam) era uma que envolvia questões sintáticas, discussão de critérios explícitos para identificação dos componentes das estruturas sintáticas e falhas ou omissões do tratamento tradicional. A perspectiva era de uma gramática sintagmática com vistas a abertura para outras perspectivas teóricas.

Essas aulas nos instigavam mutuamente e nos colocavam problemas a serem resolvidos. Um deles resultou no projeto que submeti à seleção do doutorado na Unicamp, a saber, como tratar questões de predicação verbal. Além disso, já

nos anos 1990 ofertei uma disciplina optativa introdutória, no primeiro semestre do curso, sobre o tratamento das gramáticas tradicionais. Curiosamente essa turma, originalmente de calouros, me acompanhou ao longo do curso, foi uma das turmas que mais teve aulas comigo. Além dessa disciplina introdutória tivemos também sintaxe e, posteriormente, uma avançada em sintaxe. Talvez por essa razão, eu tenha sido escolhida para paraninfa ao final do curso.

Como já sinalizei, em 1990 me candidatei ao doutorado na Unicamp e me afastei do 2º semestre de 1991 ao segundo de 1995.

No meu retorno, a configuração da área havia mudado em parte, alguns colegas haviam se aposentado e havia duas novas colegas em seu lugar: a Maria José Foltran e a Reny Gregolin, que passaram a dividir a sala comigo. Esse quadro alterava também a distribuição das disciplinas. Eu sempre preferi dar aulas à noite, porque não gostava, como não gosto ainda, de acordar muito cedo e o curso matutino tinha início às 7h30, em Curitiba, também no inverno. Meus colegas tinham filhos pequenos, que levavam para a escola cedo e estavam disponíveis em seguida, portanto, preferiam as turmas da manhã. Era um acerto perfeito. Ministrei sistematicamente Linguística I – Introdução à Linguística, Fonética e Fonologia; Linguística II – Morfologia; Língua Portuguesa II – Linguística Textual; Língua Portuguesa III – Semântica; e, eventualmente, Linguística III – Sociolinguística. Desde que ingressei na UFPR só nos últimos 6 anos não tenho dado aula às sextas-feiras à noite.

Sempre fui uma detentora desse horário, execrado por muitos colegas do curso, mas nunca me incomodou.

No ano de 1997 pude ingressar como docente na Pós-graduação em Letras, onde atuei por dois anos ministrando a disciplina Linguística Geral, cuja ementa era uma espécie de Modelos Teóricos em Linguística, até a regulamentação da CAPES limitar a atuação apenas a doutores nos cursos de Pós-graduação *stricto sensu*.

Nesse período, atuei ainda em quatro cursos de Pós-Graduação *lato sensu*: dois oferecidos pelo DLLCV - Linguística e o Ensino de Língua Materna em 1999 e 2000, nos quais orientei 9 monografias; e, dois oferecidos pelo CALEM-UTFPR em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas, onde orientei também uma monografia (na verdade três, mas acabei não registrando dois dos orientandos e perdi esse contato).

Quando retornei do afastamento do doutorado na UNICAMP e o Faraco havia retornado às atividades acadêmicas depois de sua gestão na reitoria, oferecemos, para a graduação, uma disciplina optativa compartilhada em Análise do Discurso. Foi uma parceria bastante enriquecedora e profícua. Dela resultou um artigo¹¹ e minha inserção nos caminhos do discurso. Eu fiz essa formação no mestrado e posteriormente no doutorado, mas não atuava na área. Contudo, minhas inquietações sobre as questões de significação da linguagem e não só da língua me levavam a flertar com essas outras abordagens sobre a produção dos

11 FARACO, C.A. ; NEGRI, L. O falante: que bicho é esse, afinal? In Revista *Letras*, Curitiba-PR, v. 49, pp.159-170, 1998.

sentidos. Desde então, tenho estudado e trabalhado também com perspectivas discursivas, tanto na graduação com oferta de disciplinas optativas, dado que ela não se encontra no rol central das disciplinas do curso, como na pós-graduação, onde reingressei em 2009 e tenho sistematicamente orientado na área, desde 2011. A perspectiva teórico-discursiva com a qual tenho me alinhado nessa área é, principalmente, a de Dominique Maingueneau com relação às cenas da enunciação e às noções de ethos e pathos discursivo advindas da retórica. Nessa perspectiva, tenho orientado trabalhos na graduação e na pós-graduação. Estou ligada a duas linhas na pós-graduação que estão relacionadas ao meu interesse de pesquisa e concentram minha atuação acadêmica aí: uma a da análise do discurso e outra a de questões epistemológicas sobre as fronteiras disciplinares na linguística. Dessa forma, as disciplinas que tenho ministrado são as relacionadas a essas áreas e interesse.

Para discutir mais detalhadamente as orientações abro nova seção.

2.2. Orientações

Quando trabalhei na Unijuí orientei muitas monografias, praticamente em bloco, dado que tínhamos um grande número de estudantes nas duas modalidades de funcionamento dos cursos de licenciatura. Dessas faço relato aqui, apenas para registrar a experiência, uma vez que não tive a ideia ou o cuidado de registrá-las. Minha atuação

efetiva em orientação de alunos ocorreu já em Curitiba do que apresento uma síntese abaixo:

Especialização – 9 orientações monográficas no curso de Linguística e Ensino de Língua Materna-UFPR e uma no de Ensino de Língua Estrangeira Moderna-UTFPR;

Graduação - orientação de 13 trabalhos monográficos de conclusão de curso de Letras, de 2000 a 2018;

Iniciação Científica – 2 orientações em 2009 e 2011, respectivamente;

Pós-graduação – orientação de 11 dissertações de mestrado e de 6 teses de doutorado no período compreendido entre 2011 e 2018.

Com relação às orientações, eu posso talvez ser acusada de ter sido eclética e permissiva, mas, enfim, procurei abrigar e atender aos alunos que me solicitaram, especialmente na graduação, no sentido de encaminhá-los para o exercício da leitura e da pesquisa acadêmica. Nesse sentido, a questão que me parece importante nesse estágio da formação é que o estudante desenvolva uma prática de pesquisa bibliográfica, apresente um bom domínio sobre os conceitos teóricos envolvidos e sua adequada aplicação, quando for o caso. Como se pode verificar pela lista das orientações que constam no meu currículo Lattes os assuntos são bastante variados, mas orbitam as questões da significação, manifestas em textos, discursos ou estruturas formais.

A maior parte das orientações recaem sob a área da análise do discurso, certamente resultado da maior procura dos interessados, pelo equívoco comum de que a abordagem é mais simples. Ledo engano. Não preciso aqui defender a

bandeira ou a seriedade dessa área, que supõe um conhecimento consistente da teoria das ideologias, do condicionamento histórico dos discursos e das questões filosóficas que perpassam as teorias do discurso. Com relação às orientações, o mais interessante é que esses novos pesquisadores nos impulsionam muitas vezes para assuntos e temas para os quais não iríamos de moto próprio, em alguns dos casos temos até uma certa resistência, contudo é sempre um exercício de tolerância e uma oportunidade de ampliarmos nossos interesses.

2.3. Produção intelectual

Minha produção acadêmica, como é de se esperar, está vinculada às minhas pesquisas de formação, com isso quero dizer especialmente as de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Minha dissertação de mestrado, acredito, era bastante arrojada para o momento em que foi iniciada (claro que demorei muito tempo a defendê-la) e sua originalidade ficou empanada por isso. De qualquer forma, atribuo o mérito da perspectiva inovadora ao professor Franchi, que me orientou, e não à minha sagacidade. Contudo, foi um tema que me empolgou por muito tempo, ao qual dediquei muita leitura e pesquisa e me levou à publicação de dois artigos relacionados: um na Revista *Letras-Curitiba* em 1988¹², que discute justamente a natureza do artigo e o enquadramento do seu funcionamento como sintático ou pragmático, e outro em 2006 publicado na Revista

12 NEGRI, L.. Artigo definido : Sintaxe ou Pragmática?. Revista Letras (Curitiba), Curitiba-PR, v. 37, p. 17-28, 1988.

*Dissertatio*¹³ - Pelotas sobre a controvérsia a respeito dos tratamentos das descrições definidas em Russell e Strawson; além de comunicações em Congressos uma no GEL¹⁴ outra no Congresso Linguagem e Objeto- Filosofia/UFPR, em 2005.

As minhas inquietações com as questões formais da linguagem me levaram a investigar seu funcionamento sintático e os impasses e possíveis soluções para esses casos. Fazem parte dessas preocupações o enquadramento e caracterização dos pronomes¹⁵, os critérios de classificação das classes gramaticais¹⁶ a predicação e complementação verbais¹⁷, a negação, expressões negativas¹⁸ e expressões de polaridade negativa, estas últimas uma pulga linguística atrás da orelha colocada pelo Rodolfo Ilari. Essa foi a mola para a minha tese de doutorado e sobre isso produzi alguns textos relacionados às expressões de polaridade em português, à força da negação no uso de expressões em geral

-
- 13 **NEGRI, L.** As descrições definidas em língua natural e a controvérsia Russell/Strawson. *Dissertatio* (UFPel), v. 23, p. 63-77, 2006
- 14 **NEGRI, L.** Artigo: uma indefinição da gramática? In: XXXI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 1986, Lins-SP. XIII Anais de Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 1986. p. 287-299.
- 15 **NEGRI, L.** Critérios definidores da classe dos pronomes em diferentes gramáticas de língua portuguesa. In: Carlos ASSUNÇÃO, Gonçalo FERNANDES, Marlene LOUREIRO. (Org.). *Ideias linguísticas na Península Ibérica (séc. XIV a séc. XIX) - 2 vols.. -ed.Münster: Nodus Publikationen, 2010, v. II, p. 641-647.*
- 16 **NEGRI, L.** Adjetivos/substantivos - Uma proposta de distinção sintática. In: XLI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 1994, Ribeirão Preto. *Estudos Lingüísticos - Anais do XXIII Seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 1993. v. vol.I. p. 119-126.*
- 17 **NEGRI, L.** A predicação locativa de verbos copulativos. In: XXXVIII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 1990, Bauru. *Anais do XXXIX Seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, 1990. p. 640-645.*
- 18 **NEGRI, L.** . Comparação de Igualdade? Ninguém diria!. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)*, v. 52(2), p. 297-307, 2010.

chulas, acrescidas de ênfase¹⁹ e à questão das fronteiras disciplinares na Linguística²⁰.

A conciliação das minhas áreas de interesse aparece num artigo provocado pela participação em bancas de correção de redações de vestibulandos em que eu observava um uso recorrente da partícula *se* (vou designá-la simplesmente assim) por parte dos candidatos, mesmo em casos com sujeito explícito. Nesse artigo, além da análise sintática a respeito das construções encontradas, busquei uma explicação para os usos ‘inconsistentes’ e propus uma solução explicativa através de uma perspectiva discursiva²¹. Boa parte das demais publicações são da área do discurso. A primeira já citada, em parceria com o Faraco, uma em parceria com a Reny Gregolin²², algumas sobre a aplicação da noção de ethos e pathos discursivo²³ e

19 **NEGRI, L.**. Bolsonaro 2018? O C?#@*%&! . In: E. Morais; M. C. Legroski; P. B. de O. Saleh; V. G. Carlos. (Org.). Linguagem, identidade e subjetividade: vertigem das ciências humanas. 1ed. Ponta Grossa-PR: Texto e Contexto, 2018, v. 1, p. 148-157

NEGRI, L.. Negazione prosodica ed effetti di polarità negativa. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação Nápoles -IT).

20 **NEGRI, L.**; SILVA, A. H. P. ; NISHIDA, G. ; BERTUCCI, R. A. . A questão das fronteiras interdisciplinares em linguística. Revista Letras (Curitiba), v. 80, p. 91-111, 2010

21 **NEGRI, L.**. Quando o sujeito indetermina o sujeito. Letras de Hoje, Porto Alegre - RS, v. 35, n.3, p. 107-118, 2000

22 **NEGRI, L.**; **GREGOLIN, R.** . Subjetividade e autoria. Revista Letras (Curitiba), Curitiba/PR, v. 59, p. 261-278, 2003.

23 **NEGRI, L.**. A determinação recíproca entre pathos e ethos discursivo. Ou, uns e outros.. Organon (UFRGS), v. 1, p. 205-217, 2009

interdiscursividade²⁴. Publiquei ainda com alunos e ex-orientandos a partir de seus respectivos interesses teóricos²⁵. E, finalmente, meu outro eixo temático é o das questões epistemológicas²⁶, da configuração interna da Linguística, da caracterização de seu objeto, das fronteiras das disciplinas internas e seu escopo teórico. Essas são questões mais densas, eu diria, nem sei se tenho competência para abordá-las, porque acredito que é preciso um distanciamento não só teórico, mas também temporal para entender os movimentos e flutuações das teorias, além claro de uma bagagem intelectual que estou longe de ter alcançado. Por essa razão, sou relutante em relação a publicar o que penso e sobre o que elaboro nas minhas aulas. Acho que para essas questões é preciso um amadurecimento teórico consistente, para não afirmarmos obviedades. Essa sempre foi minha relutância (e isso não é apenas uma defesa da minha produção bibliográfica!). Minha produção não é

24 **NEGRI, L.** . Vim, vi e venci! ou vi, me apaixonei e capitulei!. In: Pedro Ipiranga Júnior; Renata Senna Garraffoni; Ana Maria Burmester. (Org.). Do amor e da guerra: um itinerário de narrativas.. 1a.ed.São Paulo: Annablume, 2014, v. , p. 169-179.

RASIA, G. L., **NEGRI, L.** MOREIRA, R. O nome “República de Curitiba”: O funcionamento da ideologia nos deslizamentos do sentido. In Evandra Grigoletto; Fabiele Stockmans De Nardi; Helson Flávio da Silva Sobrinho (orgs.) *Silêncio, Memória, Resistência: A política e o político no discurso*. Campinas: Pontes edit., 2019.

25 DEOSTI, A. ; DIOGO, J. ; GISSKE, J. ; BEVILAQUA, K. ; BERNSDORF, S. ; **NEGRI, L.** . Análise do processo de mudança semântica dos advérbios 'literalmente' e 'buchstäblich' a partir do modelo semântico-cognitivo de Sweetser (1990). *Signo*, v. 42, p. 101-113, 2016.

NEGRI, L.; BITTENCOURT, Guida Fernanda Proença ; FIGUEIREDO JR., S. R. . Das citações (in)diretas na discursividade do voto de Carlos Ayres Britto acerca da união homoafetiva: efeitos de sentido possíveis. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (Online), v. 31, p. 1-24, 2015.

ELY, L. A.; **NEGRI, L.** . Ilustrando: o livro em Vitrine e o que Mais!? O discurso sobre o livro e a construção de imagens em matérias da Folha de S. Paulo. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 58-2, p. 287-321, 2014.

26 **NEGRI, L.**. Escopo e objeto da Linguística: configuração e trajetória no cenário brasileiro. In: VENTURINI, M.C; LOREGIAN-PENKAL,L.; WITZEL,D.. (Org.). *Linguística na Contemporaneidade*. 1ed.Campinas: Pontes, 2019, v. 1, p. 55-66.

NEGRI, L.. A laranja é amarela, tem gomos, é azeda e rica em vitamina C. Ou: questões epistemológicas sobre o tratamento da linguagem. 2017. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra, UNESP - BOTUCATU).

copiosa como deveria ser (para os órgãos institucionais, ao menos), mas minha investigação sobre essas questões é abundante e constante (certo que isso não se mensura). Não como escusa, mas devo dizer que não acho que tudo que produzo ou penso é relevante e mereça ser publicado (e, confesso, acho que muita coisa também não deveria). Enfim, é um desabafo.

Com relação às investigações e elucubrações teóricas, devo entretanto explicitar um débito. Minha interlocução constante ao longo desses anos todos em que atuei na UFPR sobre todos os níveis da vida universitária foi meu colega, Borges. A ele devo profundos agradecimentos e reconhecimento público, não só pela paciência em me ouvir – mas devo registrar que ele desempenhou esse papel para a maioria de seus colegas, inclusive da literatura – igualmente por me instigar, apontar caminhos, ponderar meus arroubos teóricos e minha veemência argumentativa. Sua interlocução constante me formou também, com ele dividi formalmente várias disciplinas, na graduação e na pós, mas também frequentei vá

rias vezes seus cursos em que dava palpites e fazia intervenções. Como ele já fez seu memorial há muito tempo, não vou saber se ele faria registro dessas intervenções, para saber o que ele achava. Para mim, sempre foi muito produtivo.

Há ainda uma atividade intelectual que me atrai bastante que é a tradução. Fiz algumas incursões nesse sentido. Alguns exercícios dessa natureza ficaram sem publicação editorial, como é o caso de *Conexidade sintática*, que traduzi

do italiano junto como Borges e está disponível no site dele. Participei da tradução, coordenada pelo Ilari, do livro de Gennaro Chierchia, *Semântica*, fiz a tradução de um artigo de Althusser para a Revista *Campos de Antropologia/UFPR*²⁷; como revisora técnica de tradução em artigos sobre tradução²⁸.

Como um último registro, menciono a organização, junto com a Maria José Foltran e a Roberta Oliveira, da publicação *Sentido e significação* - Em torno da obra de Rodolfo Ilari, editada pela Contexto em 2004.

2.4. Cargos administrativos e de representação

Menciono aqui as funções administrativas mais significativas na minha atuação profissional.

A concepção de uma universidade dita comunitária como a Unijuí supunha um envolvimento e um engajamento integrais de seus docentes. Éramos conclamados a desempenhar inúmeras atividades – de ensino, de extensão dentro e fora da sede, e também de administração.

Na Unijuí fui chefe do Departamento de Letras de julho de 1983 a março de 1984 e, como mencionei anteriormente, atuar como chefe de departamento aí me proporcionou um aprendizado político-administrativo e de representação, fundamental para minha formação e atuação em funções administrativas posteriores. Nessa universidade fui também

27 **NEGRI, L.**. Sobre Lévi-Strauss. *Campos*, 6. Curitiba: Editora UFPR, 2005. (Tradução/Artigo).

28 **CARDOZO, M. M.** ; **HEIDERMANN, W.** ; **WEININGER, M. J.** ; **NEGRI, L.** . Casualidade e regularidade na tradução (cap.III e IV) pp.19-35. 2009. (Revisão técnica de tradução).

coordenadora de curso de Pós-graduação *lato sensu*, no período de dezembro de 1983 a junho de 1985.

Já na UFPR fui envolvida pelas atividades administrativas em diferentes instâncias colegiadas. Logo que cheguei fiquei um ano na suplência de chefia do DLLCV, do professor Antonio Sandmann, uma vez que eu tinha aulas quase todas as noites e fica responsável por atender eventuais demandas nesse turno. Em 1991, fui eleita representante dos professores assistentes no então Conselho de Administração, durante a gestão do professor Carlos Faraco na reitoria, numa chapa articulada pelo movimento docente, para o mandato de 2 anos. A convivência com as diferentes tendências da Universidade foi muito educativa para uma recém-chegada na Universidade, havia uma clara separação espacial (e, claro, ideológica) entre conservadores (muito conservadores) e moderados (e uns poucos progressistas). Ainda quanto à representação, fui representante do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SCHLA, junto ao Conselho de Ensino e Pesquisa-CEPE/UFPR no mandato de 2007/2009 e, atualmente, integro o Conselho de Planejamento e Administração-COPLAD/UFPR, desde setembro de 2014 até abril de 2017, na condição de vice-diretora do Setor de Ciências Humanas-SCH; e, a partir daí, na condição de diretora do SCH até o presente.

Também assumi cargos administrativos, como já ficou claro em diferentes momentos deste memorial. Fui Chefe do Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas, de julho de 1999 a julho de 2001, com a Anamaria Filizola, Literatura Portuguesa, como suplente; Vice-diretora do Setor

de Ciências Humanas, de setembro de 2014 a abril de 2017, na gestão do professor Eduardo de Oliveira Barra; Diretora do SCH de abril de 2017 até o presente, numa gestão colegiada com o meu vice, o professor Rodrigo Rodriguez Tavares.

Sobre a nossa atuação, de professores e pesquisadores, em atividades administrativas é preciso dizer que não é que eu julgue a mais importante, interessante, ou que tivesse ambições para exercê-las. Contudo, acho necessária, uma vez que não acho desejável que administradores externos, ou mesmo internos, sejam chamados a administrar nossas unidades acadêmicas. Além de acreditar no fato de que somos os que trabalhamos nessas áreas e conhecemos suas especificidades, que sabemos ou devemos saber e definir conjuntamente nossas diretrizes; também acho salutar que os docentes tenham uma experiência administrativa e colegiada para entender os meandros, as exigências e as dificuldades da administração pública. Julgo extremamente benéfica, para a vida acadêmica, esse tipo de experiência.

Minha convivência com meus chefes ou vices foi sempre muito cordial, dado que sempre procurei externar minhas discordâncias, quando fosse o caso, e isso nos proporcionou uma gestão em que a franqueza e o jogo aberto eram a tônica. A gestão com o professor Eduardo Barra permitiu esse exercício, mas foi também muito harmônica e colaborativa, pois dividimos consensualmente as tarefas. Ele ficou bastante envolvido com o projeto e plano diretor de expansão do espaço do SCH, o que foi bastante empenhativo e desgastante, mas resultou num trabalho de projeção e

ocupação de espaços para o Setor há muito demandado. E eu fiquei mais direcionada para as questões de pessoal, especialmente renovações de contratos e demandas dessa natureza. Também desenvolvíamos muitas atividades em conjunto e todas as demandas e decisões eram discutidas e negociadas entre nós. Quando o Eduardo assumiu a Pró-reitoria de Graduação, em janeiro de 2017 na gestão do novo reitor, professor Ricardo Marcelo Fonseca, respondi como vice-diretora no exercício da direção até nova eleição e posse em abril desse mesmo ano. Para essa nova gestão, convidei para compor a chapa o professor Rodrigo Rodriguez Tavares, um jovem professor do curso de História, Memória e Imagem, que era coordenador do curso naquele momento e nos havia ajudado com demandas urgentes para definição de laboratórios e novos softwares para o novo curso de Letras Libras, no que havia demonstrado não só boa vontade, mas competência e presteza. Bem, eu precisava de um vice em distribuição complementar, pois eu conhecia a universidade e seus meandros, tinha alguma experiência no trato acadêmico e político das suas instâncias e precisava de alguém que encarasse as novas demandas e novas tecnologias. De minha parte, sei que fiz a escolha adequada. Temos, a meu ver, uma gestão parceira, aberta e compartilhada, o que é fundamental nesse momento tão grave de desmonte das universidades públicas, com corte de verbas, redução do quadro de servidores e negligência quanto às políticas de ciência e tecnologia.

Aliás, sobre as parcerias devo dizer que ao longo da minha vida profissional tive pouquíssimos desafetos, ao menos que

eu tenha conhecimento. Há dois episódios que merecem o registro, dada a sua importância e para não dizer que soneguei as informações quanto ao dissenso.

O primeiro deles ocorreu durante a minha chefia no DLLCV e girou em torno de uma iguaria enviada aos colegas por um professor afastado para doutorado. Uma vez recebida, ficou guardada para ser compartilhada numa reunião com todos. Chegada a reunião, lembrei-me da guloseima. A secretária me informou que alguém havia comido. Fiquei bastante contrariada e tive um arroubo na reunião condenando o procedimento, alegando falta de respeito e de solidariedade com os demais. Claro que isso gerou um mal-estar e alguns colegas e eu ficamos estremecidos por algumas semanas. Mas, obviamente passou e seguimos juntos. Relato esse episódio para salientar que também tenho meus arroubos e os expesso com veemência. Talvez devesse ser mais comedida, mas não, como dizem, seria eu. Não quero me justificar por grosserias eventualmente cometidas, que espero não ter feito, mas explicitar a minha atitude frente aos meus princípios, que defendo e deixo patentes. (Desde que li a classificação aristotélica dos ethé, me considero areté – o ethos da enunciação vigorosa, franca. Pode ser que seja uma autoimagem equivocada, mas é minha avaliação.)

O segundo episódio, este mais recente e mais denso – ou tenso, diz respeito a última reforma curricular do curso de Letras, provocada pela Resolução CNE/CP, 02/2105. O acréscimo de mais 400 horas (em média, a depender dos currículos vigentes) nos cursos de licenciaturas simples forçou os cursos em vigor a um ajuste obrigatório. O

entendimento dessa resolução, seu prazo de implantação e suas restrições quanto à oferta ou não de licenciaturas híbridas em relação às licenciaturas duplas em línguas, criou uma cisão entre os professores dos cursos de Letras da UFPR. Tínhamos e temos em vigência até o momento, 54 terminalidades do curso de Letras da UFPR, a depender da combinatória entre as modalidades possíveis. Claro que a nova resolução apresentava novas perspectivas e dificuldades para sua implementação. Havia que mudar a concepção de curso, a modalidade de ingresso no vestibular, as possibilidades combinatórias, e o prazo inicial era iminente. A grande questão girou em torno da possibilidade ou não da oferta de uma licenciatura híbrida (nova designação da dupla, pois essa designação passou a nomear a possibilidade de uma segunda licenciatura após a conclusão da primeira) que apresentasse uma carga horária razoável, compatível com as condições econômico-sociais dos estudantes, além da preocupação com a manutenção do funcionamento da licenciaturas das línguas minoritárias (aquelas com menor apelo para o mercado de trabalho). Os debates foram acalorados, às vezes até ofensivos, e nos entrincheirou em lados opostos. Lamentavelmente, esse episódio cindiu o conjunto de professores do meu departamento ao meio, não necessariamente pelas grandes áreas do conhecimento. Relutei em mencionar o episódio, por outro lado, ele é recente, teve forte impacto no conjunto dos docentes do Curso de Letras em geral e muito significativo no meu departamento, que sempre, nos 32 anos em que o integro, havia nos proporcionado uma convivência leve e afável. Fica

o registro, “*pra não dizer que não falei das flores*” e dos espinhos...

2.5. Atuação política

Destaco esse tópico numa seção exclusiva para registrar meu engajamento em atividades que julgo inerentes à nossa condição de cidadãos e profissionais comprometidos com as condições de trabalho, no nosso caso, da organização institucional, das relações com os pares e com os estudantes. O que parecia óbvio, hoje é preciso reafirmar: não acredito na neutralidade, essa é por si só uma posição marcada, uma adesão ideológica ao comodismo, ao não envolvimento com questões agudas que demandem posicionamento claro e, muitas vezes, enfrentamento. Essa nunca foi minha atitude, sempre explicito as minhas tomadas de posição. Por essa razão, assim que cheguei nesta Universidade me engajei na campanha para a reitoria do meu colega Faraco, não só porque o conhecia e julgava a melhor opção para nos conduzir, pois eu poderia pensar assim, declarar o apoio e apenas acompanhar o desenrolar do processo. Mas, já aí, me envolvi na campanha, participei diretamente junto ao Comitê Central da chapa e atuei diretamente na mobilização das forças progressistas e estudantis para termos êxito ao final. Foi uma experiência inesquecível, considerando-se todos os percalços do processo eleitoral, que quase sucumbiu frente ao pedido de recontagem dos votos do candidato que ficou em segundo lugar, por uma margem muito pequena. Como grupo, tivemos serenidade, firmeza, controle e paciência, o que nos garantiu a vitória.

Nunca integrei a diretoria da associação docente-APUFPR, embora tenha atuado como representante dos associados do meu departamento no conselho de representantes da APUFPR e tenha participado de Comitês de mobilização em campanhas salariais mais de uma vez.

Particpei de outras campanhas eleitorais fosse para o Setor, fosse para a reitoria. Nem sempre nos saímos vencedores. Para o Setor, em 1993 fiz campanha para a chapa encabeçada pelo Borges e fomos derrotados; para o mandato seguinte fui coordenadora da campanha da Marilene Weinhardt e novamente perdemos para o mesmo grupo adversário. Em 2001 voltamos à carga reapresentando nosso candidato, o professor Borges, que se saiu vencedor e foi nosso diretor de 2002 a 2006.

Particpei ainda ativamente na campanha à reitoria do sucessor do Faraco, o professor José Henrique Faria, que foi bem-sucedido no pleito. Cheguei a ser sondada por ele para a chefia de gabinete, mas estava afastada para o doutorado. Travei outras batalhas, fruto das minhas convicções acerca das políticas educacionais e da formação do profissional de Letras. Uma das mais candentes foi por ocasião da proposta do REUNI em 1999. Não só discordava inicialmente das condições da proposta governamental para o REUNI, como na sequência discordei fortemente da proposta apresentada para novos cursos de Letras. A criação dos novos cursos de Japonês e Polonês, nos moldes em que foi formulada e levada a cabo pelas instâncias administrativas superiores, criou naquele momento uma ruptura abissal entre os Departamentos de Letras de então. Parte do dissenso e da

controvérsia na reformulação recente do curso, provocada pela Resolução 02/2015 no último ano, é resultante da operação rescaldo e revisionismo daquela reforma. As alianças se alteraram, mas nova cisão foi provocada. De qualquer forma, tomei partido, me posicionei com clareza, o que me custou algumas amizades, mas o momento exigia.

Não sei ficar na posição confortável de espectador ou mesmo de expectador. Ou mesmo de aguardar para saber de que lado a maré vai virar. Esse lugar do centro, em cima do muro, não é o meu lugar. Esse lugar não me é confortável, ao contrário é capaz de me dar uma úlcera.

Sou da geração: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer” e da atitude de quem arregança as mangas.

Talvez esteja na hora de aprender novas atitudes. Os tempos são bichudos.

3. *Outras atividades*

Incluo nesta seção atividades não diretamente ligadas às ocupações estritamente funcionais, a saber, participação em associações, diretorias e comitês editoriais.

Um rupo de colegas da área de Linguística, no qual me incluo, assumiu em dois momentos diretorias de duas associações da área. No 3º Encontro do CELSUL-Círculo de Estudos Linguísticos do Sul submetemos uma proposta de chapa para a diretoria: José Borges Neto-presidente; Maria José Foltran-vice-presidente; Iara Bemquerer Costa-tesoureira e eu-secretária e fomos eleitos por aclamação na plenária. Em 2000, organizamos o 4º Encontro do CELSUL em Curitiba. Em 2008, indicamos uma chapa para a diretoria da ABRALIN-Associação Brasileira de Linguística, gestão 2009/2011 assim composta: Maria José Foltran – presidência; José Borges Neto – vice-presidência; Adelaide Hercília Pescatori Silva – 1ª tesoureira; Maximiliano Guimarães – 2º tesoureiro; Lígia Negri – 1ª secretária e Teresa Cristina Wachowicz – 2ª secretária. Fomos eleitos no Congresso de João Pessoa e organizamos três eventos para essa Associação: em 2010, na modalidade ABRALIN em CENA, em Porto Velho-RO; e, em 2011 dois eventos consecutivos em Curitiba-

PR: o XX Instituto da ABRALIN e o VII Congresso Internacional de Linguística.

Essas duas associações nos deram bastante trabalho: o Celsul para regularizar a situação fiscal, dado que as diretorias anteriores não foram informadas e nem se deram conta de que deveriam prestar contas ao Imposto de Renda, ainda que associações dessa natureza fossem isentas; e a Abralin em virtude da grandiosidade do evento que congrega muitos participantes (tivemos mais de 2000 no congresso de Curitiba) e, ainda, por causa de um convênio do IPHAN com pesquisadores da área, mas realizado via associação. Entre a assinatura dos contratos e sua execução, uma nova plataforma de prestação de contas e licitação de serviços foi implantada pelo governo federal e os pesquisadores envolvidos pouco trato, ou nenhum mesmo, tinham com esse sistema. Ficamos ainda alguns anos para resolver essas pendências, que, felizmente, foram resolvidas e saneadas a contento.

Menciono ainda aqui a participação em Conselhos Editoriais de revistas acadêmicas, seja como membro permanente: Revista Letras UFPR; Tabuleiro de Letras – UEBA, seja como consultor *ad hoc* ALFA, Revista do GEL; Calidoscópico-RS.

A amarrando as pontas

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

.....

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois lugares!
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo
Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Apresento aqui algumas considerações finais sobre minha trajetória acadêmica na tentativa de fazer um balanço do meu percurso.

A citação do poema de Cecília Meireles me define. Por muito tempo ficava dividida entre as escolhas e sempre tinha a sensação da perda de uma delas. Meus amigos atribuem essa característica ao fato de eu ser libriana e estar sempre oscilando entre os pratos

da balança. Amadureci. Sempre pesei muito minhas decisões e o que aprendi foi que assim fazendo eu havia optado pela melhor escolha possível para a ocasião. Assim fiz nas escolhas profissionais e teóricas. Sob essa perspectiva, meu ethos é muito mais *phronesis* do que *areté*. Curiosamente, me descobri uma professora ponderada no trato das questões metodológicas, por acreditar no caráter multiforme e heteróclito da linguagem, como diria Saussure, e entender que quantas mais lanternas tivermos para iluminar o fenômeno, melhor. Apresentar um tratamento teórico da linguagem supõe certamente descrever a maneira como ela se estrutura, mas igualmente como e para quê ela funciona.

Sou resultado de uma formação abrangente em Linguística, pelo menos no momento em que a realizei, e isso me levou a querer transitar pelas diferentes disciplinas. É certo que o quadro das disciplinas se alterou, a produção de pesquisas avançou muito desde lá e novas disciplinas se apresentaram e já não é possível querer acompanhar a atualização de cada uma delas.

Eu gostaria de ter destrinchado melhor o modelo teórico do professor Carlos Franchi, não do primeiro volume da sua tese (que este bem ou mal, entendemos); mas do segundo, o modelo matemático acionado para dar conta de sua concepção de indeterminação semântica (ou sintática, a depender de onde nos colocamos) da linguagem. Faço aqui um ato de fé: admiro imensamente o professor Carlos Franchi e lamento profundamente que ele tenha se furtado a nos tornar aptos (adestrar mesmo) na sua proposta teórica, que reputo inovadora e visionária. Ele antecipou, em décadas, propostas que apenas nessa virada de milênio começaram a ser discutidas a respeito de

incorporações em modelos formais de questões discursivo-contextuais. A questão dos primitivos semânticos cada vez mais me fascina e o pouco que conheço das línguas e de suas diferentes manifestações sintáticas e estruturais para os mesmos processos semânticos, me leva a querer compreender melhor esse modelo franchiano, que acredito permite dar conta dessa indeterminação semântica (entendida como a ausência de isonomia, ou de imposição estrita, entre forma-sentido). Para o mesmo conceito semântico, as línguas naturais lançam mão de diferentes recursos e categorias sintáticas.

Esse é meu projeto para o que vem a seguir. Quero poder me dedicar a essa tarefa, ainda que eu tenha limitações para alcançá-la.

Para o fechamento desta etapa, retomo o que me foi narrado a respeito do meu concurso de ingresso na UFPR. A professora que compôs a banca teria dito na discussão sobre as candidatas em disputa “se quiserem uma pesquisadora, a candidata ideal é a Iara, se quiserem uma professora, é a Lígia”. E acho que isso definia e define bem o meu perfil. É assim que me constituí, e é assim que me vejo.

Curitiba, novembro de 2019.